



um solo de **BRUNA LONGO**

codireção **VITOR JULIAN**

Queda de Baleia

ou canto para dançar com minha morte

QUEDA DE BALEIA OU CANTO PARA DANÇAR COM MINHA MORTE é um espetáculo sobre o tabu da morte na vida cotidiana, sobre o processo de eliminação do rito fúnebre nas sociedades capitalistas ocidentais, sobre medo, silêncio e negação. Mas é acima de tudo um espetáculo sobre a vida.



SINOPSE

Bruna Longo acaba de morrer e procura elaborar o luto de si mesma no curto espaço de tempo que tem antes de ser dado fim ao seu corpo. Na sua busca por processar sua própria morte – a única coisa que não podemos fazer, empiricamente – faz digressões sobre a relação humana com a finitude, visitando as possibilidades de ritos fúnebres das mais diversas culturas e suas implicações filosóficas e práticas, assim como outras personagens em situação de luto ou iminência da morte. O espetáculo é inspirado na morte recente do pai da atriz Bruna Longo.

QUEDA DE BALEIA OU CANTO PARA DANÇAR COM MINHA MORTE estreou em 26 de julho de 2025, no espaço Cia. da Revista - sala Claudio Longo, em apresentação especial em homenagem ao pai da atriz em ocasião do terceiro aniversário de sua morte. Ficou em cartaz em três diferentes temporadas (setembro-outubro de 2025, janeiro, março - abril de 2026) na Capela do Cemitério do Redentor, em São Paulo, capital. Foi indicado ao prêmio APCA 2025 na categoria melhor atriz. Prepara-se para participar da Virada Cultural 2026 e do Edinburgh Festival Fringe, na Escócia, em agosto de 2026, onde ocupará a Igreja de Saint Cuthbert e seu cemitério.

"Os adultos atormentados pela ansiedade da morte não são pássaros estranhos que contraíram alguma doença exótica, mas homens e mulheres cuja família e cultura falharam em tricotar as roupas protetoras adequadas para que resistissem ao frio gelado da mortalidade. "

Irvin Yalom, Psiquiatra



Dia 26 de julho de 2022, às 01:52 da madrugada, meu pai morreu. Ao meio-dia seguinte iniciou-se o velório. Às 16:00 seu corpo foi enterrado. O que se seguiu foram dias de burocracias em bancos, cartórios, seguros. Dias que viraram semanas, meses. Nenhum convite a qualquer rito de passagem de uma realidade a outra. Nenhum tempo ou espaço para a elaboração. Nada. Não venho de uma família com crenças religiosas. Sou atéia, materialista. Não via, de imediato, nenhum caminho satisfatório para a elaboração da maior dor que já senti na vida. Dois dias depois da morte do meu pai, passei a usar o barro desse luto como material para meu trabalho. Iniciei o único caminho que a mim parecia possível para essa elaboração. Meu templo é o teatro, minha liturgia é a pesquisa artística, minha reza é a dramaturgia. E esse é o germe deste espetáculo.

A morte é, para nós ocidentais, talvez o último intransponível tabu. Não falamos sobre ela. Não sabemos lidar com ela. No entanto, ela é também a única certeza inexorável. Num período histórico em que guerras, tragédias coletivas, violência, epidemias e pandemias são noticiadas em tempo real como nunca fora possível, e que a indústria cultural capitaliza em cima desses temas com espetacularização, a morte cotidiana se transformou em um assunto velado. O processo de morte foi higienizado, burocratizado. O avanço da ciência e da medicina prolongou nossas vidas, mas também mudou a forma como morremos. Não se morre mais em casa, mas em hospitais – lugares onde busca-se vencer a morte, muitas vezes prolongando o inevitável. Ritos fúnebres são cada vez mais rápidos, padronizados e industrializados – com o *boom* de cremações comerciais. A hipervalorização da juventude não quer nos deixar lembrar que morremos. Nós, *Homo sapiens sapiens*. Sempre esquecemos o último sapiens do nosso gênero. Somos humanos que não só sabemos, mas sabemos que sabemos. Para muitos historiadores e antropólogos, o nascimento da cultura humana como a entendemos está ligado ao luto. A morte inspirou os primeiros ritos humanos, os primeiros hieróglifos, as primeiras histórias contadas em volta da fogueira. O nascimento da filosofia, da religião, da arte. Elaborar o luto inaugura quem somos e, ao renunciarmos a isso, renunciarmos a uma angústia metafísica essencial. Não falar da morte não a afasta, apenas a torna mais temerosa.

Bruna Longo, dezembro de 2024

**Espetáculo na íntegra (estreia em 26/07/25,
Espaço Cia. da Revista, Sala Claudio Longo):**

<https://youtu.be/GplvPVYjfMA>

Teaser 30'': <https://youtu.be/TFcDtKsfGCI>

Teaser 3'36'': <https://youtu.be/OF8vOtLTmZE>

FICHA TÉCNICA

Direção, elenco, dramaturgia, cenografia, figurinos - Bruna Longo

Co-Direção e provocações dramáticas - Vitor Julian

Provocações estéticas (figurinos e cenografia) - Kleber Montanheiro

Visagismo – Fabia Mirassos

Sapatos - Marcos Valadão

Desenho de Luz - Gabriele Souza

Esqueleto de baleia – Paul Zanon

Cenotécnica – Evas Carreteiro

Provocações de movimento e coreográficas – Paula D'Ajello

Preparação vocal - Jessé Scarpellini

Trilha sonora incidental – L.P. Daniel

Direção de Produção – Paula Malfatti

Ilustrações – Victor Grizzo

Fotos - Danilo Apoena



BRUNA LONGO

Direção, elenco, dramaturgia e concepção geral

Atriz, dramaturga, produtora, diretora de movimento, pesquisadora corporal e educadora, tendo trabalhado em dezenas de projetos na Europa, Brasil e Estados Unidos. Colaborou com a companhia dinamarquesa Odin Teatret, dirigida por Eugenio Barba, de 2006 a 2010, e foi membro da Cia. da Revista, de São Paulo, de 2010 a 2016. Mestre em Movement Studies pela Royal Central School of Speech and Drama – University of London, Reino Unido, 2010. Criadora do espetáculo **Criatura, Uma Autópsia**, fricção entre o romance Frankenstein, ou O Prometeu Moderno e a vida de sua autora Mary Wollstonecraft Godwin (Shelley). Com este espetáculo, estreado em 2019, foi contemplada pelas edições 11 e 16 do Prêmio Zé Renato, indicada ao Prêmio Aplauso Brasil 2019 na categoria Melhor Atriz, e participou de festivais em Cabo Verde, Turquia e Angola.



VITOR JULIAN

Co-Direção

Ator e dramaturgo. Atuou nos espetáculos "A Resistível Ascensão de Arturo Ui", de Bertolt Brecht, com direção de Kleber Montanheiro (2018); "Oceano", do Grupo XPTO, com direção de Osvaldo Gabrielli (2018); "Galileu", de Bertolt Brecht, com direção de René Piazzentin (2022); e "Delírio Macbeth" (2024), adaptação da tragédia de William Shakespeare dirigida por Eric Lenate. Em cinema, atuou em "7 Prisioneiros", longa metragem de Alexandre Moratto (2021). Como diretor assistente, mantém uma parceria com o diretor Eric Lenate, com quem realizou os experimentos artístico-pedagógicos "Cemitério Vertical" (2021) e "O Sismo" (2023); a versão audiovisual da peça "Inventário" (2021), de Erica Montanheiro; e os espetáculos "A Mulher e Um Corpo" (2021-2024), de Kiko Marques; "The Money Shot" (2023), de Neil Labute; e "Delírio Macbeth" (2024). Como dramaturgo, teve dois textos encenados: "A História do Gato" (2022), pelo Os Satyros, com direção de Rodolfo García Vazquez e Fábio Penna; e "Tudo Em Volta Está Deserto" (2024), com direção de Christian Landi.





KLEBER MONTANHEIRO

Provocações estéticas

Multiartista com 30 anos de carreira, é diretor cênico, cenógrafo, figurinista e artista visual em expografia. Ganhou o prêmio APCA 2008 por *Sonho de Uma Noite de Verão* e o prêmio FEMSA 2009 por *A Odisséia de Arlequino*, ambos de melhor diretor. Em 2022, foi indicado ao prêmio Bibi Ferreira pela direção e ganhou o prêmio APCA de melhor diretor pelo espetáculo *Tatuagem*, inspirado no filme homônimo de Hilton Lacerda. Dirigiu o musical *Ópera do Malandro*, de Chico Buarque de Holanda (2014/2015), *Um Dez Cem Mil Inimigos do Povo* (2016), inspirado no clássico de Henrik Ibsen, *Carmen*, a *Grande Pequena Notável* (2018/2019), musical com Amanda Acosta sobre a vida e obra de Carmen Miranda entre muitos outros. Dirigiu recentemente o musical *da Broadway Cabaret*, que cumpriu temporada no 033 Rooftop, do Teatro Santander, recebendo o prêmio Bibi Ferreira de melhor figurino e melhor direção.

GABRIELE SOUZA

Desenho de Luz

Designer, técnica e operadora de iluminação. Estreou seu primeiro desenho de luz em 2017 e desde então assina múltiplos projetos nas linguagens do teatro, dança, performances e shows, em destaque para os coletivos e artistas independentes: Ultravioleta_s, São Paulo Cia de Dança, Leandro Souza e a Banda Vespas Mandarinas. Além da função criativa, têm desenvolvido Oficinas de Iluminação, ministrando aulas para o Programa Jovem Monitor Cultural da Prefeitura de São Paulo, no curso livre de Iluminação do Galpão do Folias e na SP Escola de Teatro como artista convidada e, também, como parte da banca examinadora do curso de Iluminação.





L.P. DANIEL

Trilha Incidental

Músico e trabalha profissionalmente como compositor e produtor musical desde 2009. Dentre seus principais trabalhos está sua produção de trilhas originais, sonoplastias e ambientações sonoras para Teatro. Destacam-se os trabalhos realizados para o Coletivo Portátil (PR), dirigido por Rafael Camargo, bem como a série de trabalhos realizados como integrante da Sociedade Líquida, dirigida por Eric Lenate, com quem colabora desde 2014. Trabalhos como "Sit Down Drama", "Fim de Partida", "Mantenha Fora do Alcance do Bebê", "A Serpente", "Refluxo", "Funâmbulas", "Balada dos Enclausurados", "Love Love Love" (espetáculo pelo qual recebeu do Júri Técnico, o Prêmio Aplauso Brasil de Melhor Trilha Sonora de 2019) e "Misery" (pelo qual recebeu o prêmio Cenym 2022 de Melhor Sonoplastia ou Execução de Som). Tem trabalhado também com outros diretores e diretoras, como Lavínia Pannunzio, nos espetáculos "Unfaithful" e "A serpente"; Leonardo Ventura, em "Elizabeth Costello"; Ricardo Grasson em "O Ovo de Ouro"; entre vários outros.

VICTOR GRIZZO

Ilustrações

Artista visual, ilustrador e escritor. Graduado em História pela Universidade de São Paulo. Especializado em desenho e pintura. Sua pesquisa artística trabalha questões relacionadas à ciência, anatomia e reflexões acerca da História da Arte, tomando como plataforma diferentes mídias (pintura, desenho, instalações). Ilustrou e escreveu os livros “Luz dos Olhos Meus” (casa Philos), "O Segredo Que Habitava o Armário" (editora Flamingo) e “Onde Moram os Ventos” (Numa editora).



CONTATOS:

Bruna Longo / Criadora
+5511996277432
brunaflongo@gmail.com
brunalongo.weebly.com
@teatro_volatil

Paula Malfatti / Diretora de Produção
+5511983838655
mtti.paula@gmail.com





Queda de Baleia ou Canto Para Dançar Com Minha Morte

Críticas

OFF

apca
associação paulista de críticos de artes

TEATRO

Indicados do segundo semestre 2025

OFF

ATRIZ

- + Ana Lúcia Torre por "Olhos nos Olhos"
- + Bruna Longo por "Queda de Baleia ou canto para dançar com minha morte"
- + Carolina Manica por "Na Sala dos Espelhos"

OFF

CRÍTICOS QUE VOTARAM

Bob Sousa
Edgar Olímpio de Souza
Evaristo Martins de Azevedo
Ferdinando Martins
Gabriela Mellão
José Cetra
Kyra Piscitelli
Vinício Angelici



revistagalerica 10h



As Bacantes do Tietê



Maio de 2026



Nesta edição

Fim de Partida
Gota D'Água, no tempo
Nada é Suficiente + Comunhão
Oleanna
Queda de Baleia

TIP



Compartilhar

Oiê! Tudo bem? Nesta edição, vou comentar sobre as peças *Fim de Partida*; *Gota D'Água*; *Nada É Suficiente*+*Comunhão*; *Oleanna*; *Queda de Baleia* e *Tip*.

QUEDA DE BALEIA OU CANTO PARA DANÇAR COM MINHA MORTE (2025), de Bruna Longo [Teatro Volátil]

Ao ser confrontada com a morte de seu pai, a atriz Bruna Longo desenvolveu um fascínio peculiar sobre o tema da mortalidade, em especial, sobre os ritos de passagem que a humanidade (e grupos de animais) desenvolveram para lidar com o luto. Seu medo foi transformado em pesquisa, sua pesquisa (como não poderia deixar de ser), foi transformada em arte.

Encenado dentro da capela do Cemitério do Redentor, um lugar charmoso e até agradável, o monólogo tem como moldura o velório da própria Bruna (ou da Bruna-personagem). Como uma Brás Cubas, ela se levanta para contar as pistas que descobriu sobre a morte em um ritual que pode tanto trazer conforto, quanto nos ensinar a viver melhor. O próprio espaço potencializa o teor ritualístico do Teatro e o ritmo suave com o qual Bruna nos conduz por sua jornada nos coloca no terreno propício para a reflexão.

Só se morre uma vez. E não é possível contar aos vivos o que de fato aconteceu, uma vez que a passagem foi feita. Trata-se de um terreno desconhecido e, por isso, o poder imaginativo da arte é o que possibilita elaborar sobre o imponderável. A arte também foi a primeira ferramenta desenvolvida pela humanidade para possibilitar a cura de traumas e sofrimentos pelo próprio reconhecimento da existência da dor.

Outra coisa tão desconhecida quanto a morte é a pessoa que está sentada ao nosso lado – jamais saberemos com exatidão o que é andar nos sapatos dos outros. De uma experiência pessoal e biográfica, Bruna (e bons artistas), alçam suas aflições à universalidade. Assim, a peça equilibra filosofia, ciência e autoficção para alcançar o próximo e devolver à morte seu caráter coletivo.

A terceira temporada de "*Queda de Baleia*" no Cemitério do Redentor ocorreu entre 14 de março e 17 de abril.



Bruna Longo interpreta *Queda de Baleia*. Foto: Danilo Apoená

roteiro e edição de vídeo: Gabriel Fausztino; animação: Teyde Nakao; sonoplastia e operação de som: Lucas Bressanin; operação de luz: Nicholas Matheus; operação de vídeo: Allyson do Nascimento; canções originais: *Invento* (Eunice Arruda e Peri Pane); *Canto de Partida* (Lucina e Peri Pane), *Liquidação Total* (Peri Pane); *Sobre os Ossos* (Marion Hesser e Peri Pane), *Coro* (Edileuza Ribeiro); participações musicais: Catarina Nimbopy'rua, Edileuza Ribeiro e Tata Orokzala; estúdio e gravação da trilha: Estúdio 100 Grilhos, por Otávio Ortega; direção de produção: Dalma Régia.

***Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte* (2025)**

444

Originalmente, a leitura crítica do espetáculo foi batizada como “Após mais de 1200 dias de intensificado e dolorido luto, as merecidas exéquias ao pai amado”, e figura aqui na íntegra.

A noite está tão fria
Chove lá fora
E essa saudade enjoada
Não vai embora
Quisera compreender
Por que partiste
Quisera que soubesses
Como estou triste
E a chuva continua
Mais forte ainda.
Só Deus sabe dizer
Como é infinda
A dor de não saber
Saber lá fora
Onde estás, como estás
Com quem estás agora.

Tito Madi (*Chove lá Fora*)³²

32 Lindas e inesquecíveis versões da música podem ser ouvidas, mas, é “demolidora” a versão antológica de Milton Nascimento (<https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/768100/>)

Quando ouvi pela primeira vez a composição de Tito Madi, com a cantora Nora Ney, era um moleque que quase nada entendia. Entretanto, a parceria resultante daquele cantar e triste melodia anunciou alguma – e derradeira – coisa. Ouvir o canto me conduziu a algo como um rito de passagem, a manifestar inevitável perda de inocência. Meu viver, na triste e austera Vila Anastácio (onde nasci e vivi até a vida adulta), sofria uma inevitável fissura... Pessoas iam embora sem aviso, sozinhas... Seres amados partiam e não nos levavam. Moleque, e a partir de algo tão doloroso, como a perda de alguém que se ama, mudou para sempre minha existência: o real e material transformou-se em lembranças. A presença material/ materializada da vida e dos corpos, durante a trajetória compreendida pelo viver, pouco a pouco, mas de modo inevitável, deslocam-se. Pessoas queridas e por quem se tem admiração partem e mudam de campo (mas permanentemente no time do afeto).

Tomar o momento final de nossa trajetória pela vida, ou, e insistindo, a passagem da materialidade concreta para o aconchego das lembranças, que manifestam sermos feitos de oceanos, quase sempre transbordantes, não é assunto tão facilmente transformável em linguagens artísticas. Evidentemente, o relato de morte de personagem inventada caracteriza-se muito mais fácil do que levar para a linguagem ficcional alguém que tenha, material e emocionadamente, feito parte de nossa vida.

As criações épicas (libertas dos limites impositivos do ilusionismo e das determinações classistas do drama) caracterizam-se em territórios de criação em que tudo é possível. Sobre tudo, pelas interpolações de procedimentos narrativos e experimentais, a forma estética resultante da junção de procedimentos teatralistas permite que qualquer assunto e a partir de distintas vozes sejam manifestadas. No teatro épico, a dramaturgia, dividida em episódios, não tem uma protagonista,

mas funções protagonicas, permitindo ao sujeito da cena apresentar distintas – e tantas vezes – contraditórias personagens. A partir de fraturas de tempos distintos, a narrativa é dividida em episódios independentes e articulados. Como, em tese, se trata de um teatro narrativo, qualquer assunto é passível de ser apresentado e desenvolvido.

Retomando imagens da letra de Tito Madi, na epígrafe desta leitura, segunda-feira, dia 27 de outubro de 2025 – na avenida Dr. Arnaldo (que fica muito próxima da avenida Paulista), “dominada” por hospitais, um velório, uma faculdade de medicina e cemitérios – a noite estava fria. Exatamente, na pequeníssima e pintada de amarelo, capela do Cemitério do Redentor (fundado em 1922), foi a última apresentação da temporada do surpreendente *Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte*. Na entrada da capela, as indicações de quem seria ali (des)velado. Tratava-se de Bruna Longo, com 45 anos de idade. O espetáculo apresenta o solo da excepcional atriz, em cujo início afirma que ela seria velada naquela noite, isto é, não ela, propriamente, mas ela, ali representada por um sentimento de perda atroz. Na verdade, ao viver, morremos um pouco a cada dia. A morte da atriz-personagem decorre da perda irremediável de outro alguém.

Maria Alice Vergueiro já ensaiara seu velório em *Why the Horse?*; Luís Alberto de Abreu, em determinado momento de sua carreira e investigador sobre possibilidades de criação do texto criou e coordenou um curso sobre a criação de “narrativas de passagem” para serem lidas a pacientes terminais; o teatro expressionista e o simbolista, em distintos textos, fizeram alusão à morte... Tais materiais e tantos outros, sobretudo com momentos que lembram as abissalidades de Clarice Lispector parece, em doses distintas, confluírem para a criação da obra.

A atriz-criadora – indiscutivelmente em seu melhor momento de carreira – imbrica a perda de alguém, ao assunto quase

tabu, que é a morte. A partir de tal entrecruzamento, Bruna Longo, que também assina a dramaturgia de texto evidencia questões biológico-científicas; ritualizações, em distintas partes do mundo; embates entre o público e o privado quanto ao ter o direito – com e sem qualquer dignidade – a ser enterrado ou cremado... Na narrativa episódica, sobretudo, múltiplas são as alusões às pessoas, abatidas e enterradas em valas comuns, aos mortos sem sepultura... aos distintos momentos e dificuldades de se guardar no processo doloroso do luto.

O assunto é doloroso, mormente pelo fato de todo adulto ter perdido alguém. Entretanto, genialmente, Bruna Longo colige um conjunto de fontes literárias (*A Morte de Ivan Ilitch*, *Memórias de Brás Cubas*), dramáticas (*Antígone* e *Hamlet* em seu diálogo com o crânio de Yorick), musicais (*Te Recuerdo Amanda*, *Fita Amarela*, *Naquela Mesa...*), manifestadas por interpretação aterrada e com pensamento no assunto, por vocalização consistente e nuançada emocionada e racionalmente, em corpo absolutamente expressivo e disponível, por cantos apresentados a partir de distintos registros. Bruna transforma aquele espaço em rinha de disputas para reconfigurar o assunto e denunciar delicada e liricamente aquilo que precisa ser tratado.

Na obra, Bruna lembra de ter “morrido” com 45 anos, assim como Ivan Ilitch e lembra que tal idade era também a do ator Fernando Fecchio, falecido na semana anterior. O motivo, possivelmente propulsor de texto que a atriz construiu fora seu pai, morto em 2022, decorrência de mazelas surgidas pelo Covid-19. Aquela perda remeteu-a aos estudos aprofundados sobre a “passagem”, assim como ao luto. Portanto, ao épico-experimental e teatralista, alguns expedientes do teatro documentário foram inseridos no espetáculo.

Ao entrar no espaço representacional (a capela) havia no chão uma imagem feita de areia, com alguma semelhança

a uma arraia, cujo rabo era sinuoso. A imagem chamava a atenção e intentava à criação de hipóteses. Em determinado momento, e quase na condição de ação de uma arqueóloga, a atriz descobre nas “cinzas da areia” restos de ossos de algum animal... baleia, talvez!? A alusão final, na obra palimpsesta, presta uma homenagem às fêmeas que protegem suas crias, com destaque ao que acontece com as baleias quando morrer... Estas criam novos mundos nas abissalidades dos mares, serem humanos – quando é o caso – deixam rastros e podridão inútil (em flagrante alusão a Machado de Assis, Augusto dos Anjos...).

No lindo programa do espetáculo, Bruna Longo escreve:

Dia 26 de julho de 2022, às 1h52 da manhã, meu pai morreu. Ao meio-dia seguinte iniciou-se o velório. Às 16h seu corpo foi colocado dentro do jazigo da família no cemitério do Araçá, em São Paulo, capital. O que se seguiu foram dias de burocracias em bancos, cartórios, seguros. Dias que viraram semanas, meses. Nenhum convite a qualquer rito de passagem de uma realidade a outra. De filha a órfã. Todos os paradigmas mudaram subitamente. Nenhum tempo ou espaço para a elaboração. Nada, não venho de uma família com crenças religiosas. Sou ateia, materialista. Não via, de imediato, nenhum caminho satisfatório para a elaboração da maior dor que já senti na vida. Dois dias depois da morte do meu pai, passei a usar o barro desse luto como material para meu trabalho, iniciei o único caminho que a mim parecia possível para essa elaboração. Meu templo é o teatro, minha liturgia é a pesquisa artística, minha reza é a dramaturgia. E esse é o germe do espetáculo.

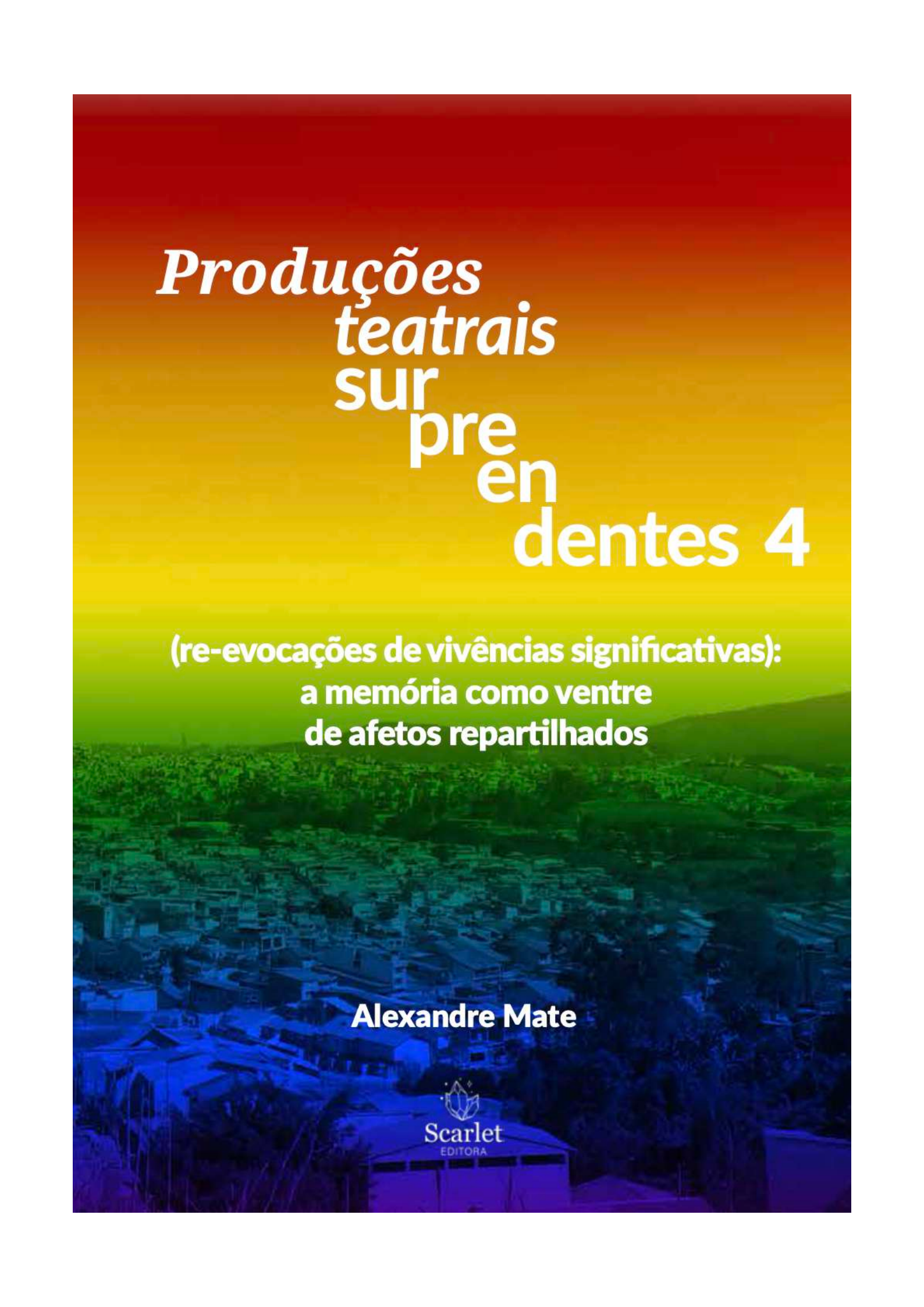
Grotescos e sublimes líricos confluem, refluem, pós fluem, interfluem, desfluem... Obra maravilhosa e potente, obra de inspiração que leva aos alhures, dentre eles, e em processo de escavação, lembrei Roberto Piva em seu Poema Porrada (porque a obra assistida é teatro porrada!)

[...] o universo é cuspidor pelo cu
sangrento
de um Deus-Cadela
as vísceras se comovem

eu preciso dissipar o encanto do meu velho
esqueleto
eu preciso esquecer que existo
mariposas perfuram o céu de cimento
[...]
eu preciso partir um dia para muito longe
o mundo exterior tem pressa demais para mim
[...]
quando eu ia ao colégio Deus tapava os ouvidos para
mim?

Ainda que supostos ouvidos de supostos seres estejam, permanentemente, fechados para a maioria da população que vaga pelo mundo, a morte (quando por susto, bala, fome, descaso...) promove um processo de absoluta justiça. Bruna Longo nos faz, feito seres maravilhosos que somos – mas em flagrante estado de esquecimento –, a redescobrir as soter-radas baleias em dunas profundas em nossos corpos cansados e humanos.

A ficha técnica do espetáculo foi formada pelos seguintes nomes: dramaturgia, concepção, direção, atuação, figurinos e cenografia: Bruna Longo; codireção, provocações dramatúrgicas e programação visual: Vitor Julian; provocações estéticas em figurinos e cenografia: Kleber Montanheiro; cenotecnia: Evas Carretero; desenho de luz: Gabriele Souza; montagem de luz: Diego França; trilha sonora original: L. P. Daniel; preparação vocal: Jessé Scarpellini; visagismo: Fábila Mirassos; sapatos: Marcos Valadão; esqueleto de baleia: Paul Zanon; provocações de movimento: Paula D'Ajello; provocações em kung fu: Daniel Fusco; direção de produção: Paula Malfatti; assistência de produção: Belle Fraga; ilustrações: Victor Grizzo; registro fotográfico: Danilo Apoená.

The background of the cover is a photograph of a favela, seen from an elevated perspective. The houses are packed closely together, with many having corrugated metal roofs. The scene is bathed in the warm, golden light of a sunset or sunrise, with the sky transitioning from a deep red at the top to a bright yellow and then a greenish-blue towards the horizon. The overall mood is contemplative and evocative.

Produções teatrais sur pre en dentes 4

**(re-evocações de vivências significativas):
a memória como ventre
de afetos repartilhados**

Alexandre Mate


Scarlet
EDITORA

ZESCAR 2025



Lista dos melhores em teatro nos palcos paulistanos segundo José Cetra Filho

Conforme já divulguei, devido à banalização dos prêmios que indicam/premiam até o papagaio de louça que faz parte do cenário, decidi que o ZESCAR não é um prêmio virtual; ele é apenas a lista dos melhores, na minha ótica de espectador apaixonado e o RACSEZ é a lista dos piores do ano! E além disso, a partir deste ano indico no máximo cinco nomes em cada categoria, por mais que me doa deixar alguns nomes de fora.

O ZESCAR é minha lista pessoal. Ele leva em conta os 171 espetáculos a que assisti no ano e nada tem a ver com a minha participação em comissões de premiação onde os premiados são eleitos por votação e nem sempre correspondem àqueles que a meu ver são os melhores.

E o ZESCAR vai para:

ATRIZ:

Andrea Beltrão - Lady Tempestade

Bruna Longo - Queda de Baleia

Daniele Tavares - Etiqueta do Luto

Lilian de Lima - Carta à Rainha Louca

Paula Cohen - Finlândia

ATOR:

Celso Frateschi e Zecarlos Machado - Dois Papas

Coletivo Ocutá - A Máquina

Páginas

[MATÉRIAS - TEATRO](#)

[MEMÓRIA DO TEATRO PAULISTANO](#)

[NOTAS - TEATRO](#)

[CINEMA](#)

[MÚSICA](#)

Quem sou eu



José Cetra

Mestre em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Membro da APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte). Espectador assíduo de teatro e cinema.

[Ver meu perfil completo](#)

Pesquisar este blog

Pesquisar

Marcadores

- ÇA IRA (1)

... E O CÉO UNIU DOIS CORAÇÕES (1)

'S WONDERFUL (1)

(IN)CONFESSÁVEIS 2 (1)

(IN)JUSTIÇA (1)

(Selvagens) Homem de Olhos Tristes (1)

(UM) ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA (1)

100 MEMÓRIAS (1)

1789 - THÉÂTRE DU SOLEIL (1)

2021 - 4X4 - TRÁGICAS (1)

21 passos Para MdEa (1)

Sobre “Queda de Baleia”



Tudo, Menos Uma Crítica

Follow

7 min read · 4 hours ago



Você vai morrer. Depois de ler esse texto, mais precisamente.

Veja bem, você não vai morrer *logo após* ler esse texto. Muito menos vai morrer *por causa* desse texto — óbvio que não.

Contudo, se você está lendo esse texto, significa que (entre outras tantas coisas) você está vivo. E se você está vivo, significa que (entre outras tantas coisas) você vai morrer.

Provavelmente você já sabia disso. Talvez já tivesse essa noção consigo, como quem guarda uma informação distante, fora do alcance da realidade imediata. Talvez essa noção te aflija, e você prefira ocupar a mente com outras coisas.

Talvez essa noção — a de que você vai morrer — desperte em você novas reflexões: por exemplo, a de que as outras pessoas que você conhece também vão morrer. Ou que, quando colocamos em perspectiva o fato de que nossa vida é finita (e nunca dura tempo o suficiente), muitas das nossas escolhas e modos de viver numa sociedade produtivista-capitalista param de fazer sentido e soam fúteis, absurdas e alheias.

Talvez a noção de que a vida é finita e que seu término é inevitável te traga calma e uma noção de completude (bom pra você!). Talvez ela te ajude a aproveitar o tempo presente, a percebê-lo como um instante que nunca se repetirá e cuja existência carrega em si mesma seu próprio fim... assim como nossa experiência como viventes.

Talvez ela te faça se conectar com alguma religião. Talvez ela te faça criar uma peça.



Queda de Baleia. Foto: Danilo Apoena

À 01:52 da manhã do dia 26 de julho de 2022, o pai de Bruna Longo, idealizadora, dramaturga, diretora e performer de *Queda de Baleia* faleceu. Como a própria artista conta, o luto tornou-se matéria-prima para que o monólogo surgisse.

Em cena, Bruna reflete sobre a morte, não só do pai mas também da morte de si e em si. Ou, antes, propõe uma reflexão sobre a complexa teia tecida ao redor e através de um dos maiores tabus do mundo ocidental e sobre nossa quase completa incapacidade de lidar com ele.

Em cena, Bruna fala sobre Bruna, uma mulher com o mesmo nome e aparência que ela, que calhou de falecer justo no dia em que a sessão está acontecendo. A morte de uma e a vida de outra cria uma divisão imensa e momentaneamente intransponível entre ambas. A Bruna falecida sabe agora, na prática, de algo que a Bruna vivente só sabe sobre na teoria — a morte, como ela nos lembra, é a única coisa que não podemos fazer empiricamente. O que fazer, então, com este mistério que, ao mesmo tempo, nos escapa e vem implacavelmente em nossa direção?

É ao redor deste “o que fazer com este mistério insondável?” que *Queda de Baleia* gravita. Muito mais do que choroso pela dor da perda, o espetáculo soa maravilhado perante o mistério (temporariamente) intransponível da morte.

Morrer é um enigma fascinante e, por contraste, viver também o é. Cosmogonia e cosmólise se apresentam não como duas faces da mesma moeda mas como dois fatores da mesma experiência — ambos vistos pelo monólogo com o mesmo assombro.



A estratégia de usar uma doppelgänger como recurso dramático é boa porque afasta Bruna, a viva, de um tema que talvez lhe fosse próximo demais para o seu próprio bem. Assim, Bruna, a viva, não cai na armadilha comum do teatro de autoficção: a de espetacularizar sua própria dor sem nunca atritá-la com outras questões, caindo na performance masturbatória da própria experiência.

Get Tudo, Menos Uma Crítica's stories in your inbox

Join Medium for free to get updates from this writer.

Enter your email

Subscribe

Naturalmente, está em cena a dor imensa de perder um ente querido, está em cena o maravilhamento perante a inegociabilidade da morte, está em cena o amor e a saudade mas, embora o episódio da morte do pai esteja no centro de tudo, como catalizador do espetáculo em si, ele não ocupa um espaço grande demais a ponto de eclipsar as outras facetas da obra.

Bruna, a viva, é respeitosa (consigo, com seu pai, com o público) ao não fazer de *Queda de Baleia* um velório público, com venda de ingressos e aplauso ao final. A peça não é um *show do si*, tanto que os episódios pessoais pelos quais a dramaturgia passa são apenas isso: *passagens* para outros tópicos. Interessa a Bruna, a viva, observar a morte e, também, a vida que segue após a morte (a nossa, dos enlutados), muito mais do que estagnar-se, no centro do palco, na dor.

Em sua dramaturgia, sua experiência individual é apenas mais uma, numa sociedade em que milhares morrem por dia — e onde, mesmo com esses números (ou por causa deles), não sabemos muito como lidar nem com os mortos nem com os que seguem vivendo.

Resta, então, olhar para o outro: para as outras formas de lidar com a dor, para os rituais de outras culturas, para as respostas plurais para um problema comum. E, ao observar o que elas têm de singular e em comum, a obra joga luz sobre as individualidades e universalidades do tema.



Queda de Baleia. Foto: Danilo Apoená

Outra estratégia para não escorregar na promoção do próprio sofrimento é o uso do humor na dramaturgia e encenação. Ainda que observe seu objeto de estudo com a seriedade e a solenidade com a qual se observaria qualquer ritual, *Queda de Baleia* sabe reconhecer o que há de engraçado e absurdo na lida com a morte.

O riso faz parte de um procedimento duplo: o de desmistificar um tanto da morte (rir dela lhe confere certa materialidade, certo contorno) e o de comentar a nossa patetice ante ela (somos, afinal, ridículos na tentativa de dominar a morte e, esta patetice nos torna profundamente humanos).

Bruna, a viva, também não esquece que está fazendo teatro. *Queda de Baleia* não é um TED Talk, nem uma palestra sobre todo o conhecimento etnográfico que a artista acumulou entre 2022 e 2025, quando a obra estreou. O espetáculo segue o mesmo alto padrão estético e teatral apresentado em *Criatura: Uma Autópsia*, obra anterior da artista, incluindo agora novos recursos na experiência.

Se, em *Criatura*, a fisicalidade vinha em primeiro plano, em *Queda* a palavra toma a frente. Bruna discursa, argumenta, compartilha, pergunta e conversa, utilizando a palavra não como ferramenta para manter o público numa posição passiva mas, pelo contrário, para criar uma noção de comunhão entre os espectadores.

A equipe criativa sabe que está fazendo teatro e sabe também que teatro é uma das principais formas de ritual da experiência humana. Ao longo de milênios, o teatro tem servido para auxiliar a elaborar questões complexas como o amor, a relação com o divino, com a política e também com a morte. Tem sido uma oportunidade de curar, de purgar, de elaborar, de compartilhar conhecimento ou de deparar-se com perguntas impossíveis de serem respondidas, ou que só podem ser respondidas com dezenas de respostas diferentes, inclusive antagônicas. Também tem sido, ao longo de milênios, a oportunidade de olhar, profundamente, para si e para o outro, em grupo.

Se, na sociedade capitalista-produtivista na qual vivemos, os ritos e outras ferramentas de elaboração são substituídos pelo excesso de trabalho e excesso de consumo (e o espetáculo comenta como ambos nos alienam da morte e da experiência profunda e comunitária que antes tivemos com ela), precisamos de outras experiências sensíveis para pausarmos o tempo maquínico imposto pela contemporaneidade. Talvez o teatro seja ainda uma dessas possibilidades: um momento para olharmos para o assombro que é a lembrança de que somos, ao mesmo tempo, finitos e insignificantes, e imensos em nossa humanidade.

“Queda de baleia” é um fenômeno biológico que ocorre quando uma baleia morre e seu corpo afunda para as profundezas do oceano, geralmente abaixo de 2.000 metros, em zonas onde a luz solar não chega. A chegada do corpo ao chão oceânico e sua subsequente decomposição cria um ecossistema complexo e que pode sustentar a vida marinha por décadas. A morte é, afinal, uma etapa natural da vida — inclusive da sua geração, manutenção e elaboração. Às vezes, ela gera e mantém novas vidas. Às vezes, ela cria teatro.



Queda de Baleia. Foto: Danilo Apoena

Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte

16 de janeiro a 8 de fevereiro de 2026.

Sexta a domingo, às 19h

Capela do Cemitério do Redentor Av. Dr. Arnaldo, 1105 — Sumaré — São Paulo (SP)

Direção, elenco, dramaturgia, cenografia, figurinos — **Bruna Longo**

Codireção e provocações dramáticas — **Vitor Julian**

Provocações estéticas (figurinos e cenografia) — **Kleber Montanheiro**

Visagismo — **Fabia Mirassos**

Sapatos — **Marcos Valadão**

Desenho de Luz — **Gabriele Souza**

Esqueleto de baleia — **Paul Zanon**

Cenotécnica — **Evas Carreteiro**

Provocações de movimento — **Paula D'Ajello**

Preparação vocal — **Jessé Scarpellini**

Trilha sonora incidental — **L.P. Daniel**

Operação de Luz e Som — **Vitor Julian / Belle Fraga**

Produção executiva — **Belle Fraga / Kayky Neves**

Direção de Produção — **Paula Malfatti**

Design Gráfico — **Vitor Julian**

Ilustrações — **Victor Grizzo**

Fotos — **Danilo Apoena**



Written by Tudo, Menos Uma Crítica

165 followers · 110 following

Follow

textos reflexivos de Fernando Pivotto sobre teatro que são tudo, menos uma crítica

No responses yet



Write a response

Seções

[Agenda](#)

[Análises Textuais](#)

[Artigos](#)

[Brinquedos](#)

[Concursos Literários](#)

[Contos](#)

[Crítica de Teatro](#)

[Crônicas](#)

[Entrevistas](#)

[Evento Literário](#)

[Literatura](#)

[Música](#)

[Novela](#)

[Poemas](#)

[Seriado](#)

[Shows](#)

[Teatro](#)

[Televisão](#)

[Turismo](#)

Translate

Select Language

Compre também!

[Apadrinhe o Resenhando](#)

[Home » Agenda » Resenhando Teatro »](#) : Em São Paulo, espetáculo "Queda de Baleia" retorna ao cemitério

: Em São Paulo, espetáculo "Queda de Baleia" retorna ao cemitério

quarta-feira, dezembro 17, 2025 [Sem Comentários](#)



Bruna Longo em cena no solo "Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte", encenado na capela de um cemitério em São Paulo. Foto: Danilo Apona.

Há experiências teatrais que não se esgotam no palco. Elas atravessam o corpo, desafiam o silêncio e acompanham para fora da sala - ou, neste caso, para fora da capela. "Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte" está de volta a São Paulo a partir de 16 de janeiro de 2026, retomando temporada na capela do Cemitério do Redentor, no Sumaré, em São Paulo, espaço que não apenas abriga a encenação, mas a transforma em rito.

Solo da atriz, dramaturga e diretora Bruna Longo, indicada ao Prêmio APCA de Melhor Atriz por este trabalho, o espetáculo parte de uma experiência radicalmente íntima: a morte de seu pai. A partir desse acontecimento irreversível, Bruna constrói uma obra que recusa o melodrama e aposta na partilha sensível, no pensamento crítico e na fisicalidade como formas de elaborar o luto - esse processo cada vez mais apressado, higienizado e silenciado na vida contemporânea.

Em cena, a atriz imagina a própria morte. Morta, ela tenta viver aquilo que não nos é permitido empiricamente: o luto de si mesma. A partir desse gesto inaugural, o espetáculo se expande para discutir o tabu da morte nas sociedades capitalistas ocidentais, o esvaziamento dos ritos fúnebres, o medo que contamina o silêncio e a negação cotidiana da finitude. Não se trata de um discurso abstrato, mas de uma experiência encarnada, ritualística, que transforma o corpo em território de passagem.

A escolha do espaço não é mero impacto cenográfico. Encenar dentro de um cemitério recoloca a morte no centro da experiência coletiva, afastando-a da lógica do espetáculo fácil e da espetacularização midiática. O que se propõe ali é outra temporalidade: mais lenta, mais porosa, mais humana. Não à toa, críticos apontaram o trabalho como uma das experiências mais disruptivas do teatro paulistano recente.

A dramaturgia nasce diretamente da vivência da atriz, que relata como, após o falecimento do pai, foi lançada a um mundo de burocracias e prazos, sem qualquer convite real ao rito de passagem. Sem religião, sem respostas prontas, Bruna encontrou no teatro seu templo possível. Esse material autobiográfico não se fecha em si. Ao contrário, amplia-se para uma reflexão histórica e filosófica sobre a morte como origem da cultura, dos ritos, da arte e da linguagem. Ao negar esse contato, o mundo contemporâneo renuncia também a uma angústia metafísica essencial - aquela que lembra, a todo instante, da condição humana.

Com codireção de Vitor Julian e uma equipe que atua como provocadora estética, corporal e dramática, "Queda de Baleia" constrói uma cena de alta densidade simbólica. A maturidade corporal da atriz, a multiplicidade de estados físicos e emocionais e a construção de imagens fortes fazem do solo uma experiência que permanece ecoando muito depois do último gesto.

Serviço

Espectáculo "Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte"

Temporada: 16 de janeiro a 8 de fevereiro de 2026

Sessões: sexta a domingo, às 19h00

Local: Capela do Cemitério do Redentor - Av. Dr. Arnaldo, 1105 - Sumaré/São Paulo

Ingressos: R\$ 60,00 (inteira) e R\$ 30,00 (meia-entrada)

Vendas *on-line*: Sympla

Duração: 80 minutos

Classificação indicativa: 12 anos

Lotação: 20 lugares

Categorias: [Agenda](#), [Resenhando Teatro](#)

Buscar...

: Mais lidas :



: "Um Dia Muito Especial" volta em nova temporada no Teatro Bradesco



: Entrevista com Aguilardo Silva, de volta à TV Globo com "Três Graças"



: Resenha crítica da animação "Divertida Mente"



: Entrevista: Camila Pitanga volta para virar novela de cabeça para baixo



: Um resumo detalhado de "Caminho de Pedras", obra cobrada pela Fuvest



: Análise da letra musical de "Alegria, Alegria", de Caetano Veloso



: "Zootopia 2" é dinâmico ao tratar preconceito, discriminação e opressão

[#ResenhandoExplica](#)

-4;

R\$ 119,90

COMPRAR

: [Twitter](#)

Tweets by @Resenhando

: [Facebook](#) :



Resenhando.com
4.322 seguidores

[Seguir Página](#)

[Com](#)

[Canal WhatsApp Resenhando.com](#)

Acompanhe o canal:
<https://whatsapp.com/channel/0029Vaj311HF6smw3kRkAe41>

[Podcast](#)

Queda da baleia – Por Ferdinando Martins

Publicado em 30 de outubro de 2025



Híbrido de performance e dança-teatro, “Queda da Baleia” é uma ode à vida, à continuidade que se impõe • @deus.ateu

Por Ferdinando Martins • @ferdinando.martins2

Sempre me encanta quando alguém transforma a dor em arte, quando sai da posição de queixa e busca algo maior. Em “Queda de Baleia ou Canto para Dançar com a Minha Morte”, Bruna Longo transforma o luto pelo falecimento de seu pai em uma partilha sensível sobre o desamparo e a ausência.

O espetáculo — que terminou sua temporada na capela do Cemitério do Redentor na última semana, mas deve voltar no próximo ano — propõe uma inversão de perspectiva: não é o vivo que vela o morto, mas o morto que observa o rito desaparecido do luto. A escolha do espaço é mais do que simbólica; é parte essencial da encenação. Ao situar o público num cemitério, Longo devolve à morte o lugar de convivência pública e de pensamento coletivo do qual a modernidade o expulsou.

Em cena, Bruna compartilha sua pesquisa sobre a morte, explica que a queda da baleia é uma expressão usada originalmente na biologia marinha para descrever o que acontece quando uma baleia morre e o corpo dela afunda no fundo do mar. Esse corpo vira um ecossistema inteiro — durante décadas, várias formas de vida se alimentam e se organizam em torno dele. Talvez sejamos nós, como públicos, que estamos ali com Bruna recriando a vida.

Essa reelaboração do trauma é também uma reflexão crítica sobre os tabus e interdições relacionados à morte. A modernidade tentou diminuir o tempo do luto e tornar a morte um evento do qual temos de nos livrar rápido. A dramaturgia de Bruna, de tom ensaístico e confessional, revela uma autora consciente da historicidade do tema: a higienização da morte, a aceleração dos ritos, a substituição da dor pela eficiência burocrática.

Híbrido de performance e dança-teatro, “Queda da Baleia” é uma ode à vida, à continuidade que se impõe. Não se busca consolo, nem transcendência, mas sim a partilha de um momento de vida na qual a morte é enfrentada não como passagem, mas como condição de pensamento e criação. É, portanto, menos um “solo” e mais um ritual de reapropriação: um gesto de resistência diante da negação coletiva da finitude. O teatro, aqui, volta a ser templo — não religioso, mas humano —, onde o luto pode finalmente dançar.

Ficha Técnica

Direção, elenco, dramaturgia, cenografia, figurinos: Bruna Longo
Co-Direção e provocações dramáticas: Vitor Julian
Provocações estéticas (figurinos e cenografia): Kleber Montanheiro
Visagismo: Fabia Mirassos
Sapatos: Marcos Valadão
Desenho de Luz: Gabriele Souza
Esqueleto de baleia: Paul Zanon
Cenotécnica: Evas Carreteiro
Provocações de movimento: Paula D’Ajello
Provocações de Kung Fu: Daniel Fusco
Preparação vocal: Jessé Scarpellini
Trilha sonora incidental: L.P. Daniel
Direção de Produção: Paula Malfatti
Ilustrações: Victor Grizzo
Fotos: Danilo Apoena

Publicidade

Publicado em Crítica Teatral

Habitar a ausência



🔗 12 👁 0 👍 0 🗨

Bruna Longo em cena de “Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte”

18 - outubro - 2025 | Texto de: Bob Sousa | Fotografia: Danilo Apoen

Encenado dentro da capela do Cemitério do Redentor, em São Paulo, o espetáculo “Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte”, solo de Bruna Longo com codireção de Vitor Julian, transforma o tabu da morte em experiência estética e ritual. O espaço funerário, em si, já anuncia uma dramaturgia expandida, na qual o real e o simbólico se entrelaçam. O público é recebido não apenas para assistir a uma peça, mas para participar de um rito de passagem, em que a arte restitui à morte um lugar de presença e reflexão.

A narrativa visual se estrutura a partir de uma poética da ausência. O corpo da atriz é, ao mesmo tempo, o corpo que morre e o corpo que insiste em permanecer. Bruna Longo constrói imagens em que o peso do luto é matéria física e metafórica. O cenário minimalista, composto por elementos simbólicos como o esqueleto de baleia criado por Paul Zanon, cria um ambiente suspenso entre o concreto e o mítico. A baleia, ser monumental e silencioso, emerge como metáfora do mergulho profundo na dor e da tentativa de ressignificá-la pela arte.

Logo na entrada da capela, o público é recebido por um livro de condolências e por uma placa que anuncia as datas de nascimento e morte de Bruna Longo, sendo o dia da apresentação registrado como o de sua morte

simbólica. Esse gesto instala de imediato a fronteira entre vida e ficção, transformando o espaço em um velório performativo. O espectador, ao assinar o livro, participa do rito, tornando-se testemunha da passagem que a atriz propõe encenar. A cenografia se expande para além do palco e envolve cada visitante em uma experiência de despedida compartilhada, em que o teatro assume a função de ritual fúnebre e poético, abrindo caminho para a reflexão sobre a presença e a ausência que habitam o ato de viver e representar.

A luz desenhada por Gabriele Souza tem papel essencial na dramaturgia visual. Ora revela o corpo da atriz em sua fragilidade, ora o dissolve em sombras, como se o espectador testemunhasse a oscilação entre vida e morte. Essa iluminação sensível articula o tempo do rito, conduzindo o olhar do público a um estado contemplativo. O figurino e a cenografia, também concebidos por Bruna Longo com provocações de Kleber Montanheiro, são extensões do próprio corpo e pensamento da intérprete. O tecido cru e as texturas naturais remetem à terra e ao corpo ancestral, evocando o retorno à origem.

A trilha sonora incidental de L. P. Daniel surge como pulsação interior, sustentando a atmosfera meditativa. Os silêncios entre os sons ganham peso e se transformam em pausas de respiração coletiva. Há algo de ritualístico em cada gesto da atriz, que move o corpo como quem atravessa um território entre mundos. A presença da capela amplifica essa sensação, pois cada som reverbera como eco da própria finitude.

A dramaturgia nasce do relato íntimo da morte do pai da artista e se transforma em reflexão universal sobre a perda. Bruna Longo fala do luto como quem o investiga com o corpo, recusando o sentimentalismo fácil. O texto equilibra autobiografia e filosofia, revelando a lucidez de quem entende o teatro como espaço de elaboração simbólica. “Meu templo é o teatro, minha liturgia é a pesquisa artística, minha reza é a dramaturgia”, escreve ela. Essa declaração sintetiza o gesto criador de uma artista que transforma a dor em linguagem.

Em determinado momento, um casaco masculino surge hasteado em cena, como bandeira silenciosa de um corpo ausente. A peça de roupa, provavelmente pertencente ao pai da atriz, torna-se um relicário simbólico, condensando a presença daquele que partiu e a persistência da memória. O casaco balança levemente no ar, movido por ventos imaginários, evocando a delicadeza dos gestos que já não existem, mas permanecem inscritos na matéria. Esse objeto simples adquire dimensão ritual, funcionando como um ponto de ancoragem entre o íntimo e o coletivo, entre a lembrança pessoal e a experiência universal do luto.

O espetáculo estabelece um diálogo profundo com “A Morte de Ivan Ilitch”, de Tolstói, sobretudo na forma como encara a morte não como evento final, mas como revelação da vida. Assim como o protagonista de Tolstói, Bruna Longo confronta o esvaziamento existencial e a banalização da experiência humana diante do fim. A cena se transforma em espelho do processo de consciência que o personagem literário atravessa, ao perceber que a verdadeira tragédia não está em morrer, mas em ter vivido de modo inautêntico. Em “Queda de Baleia”, essa reflexão se corporifica no gesto da atriz que morre para o mundo e renasce em arte, deslocando o olhar do espectador da dor para a lucidez. O diálogo entre as duas obras amplia o sentido filosófico da encenação, fazendo do palco um espaço de confissão e redenção.

Em tempos em que a morte é ocultada, higienizada e acelerada pelos mecanismos da vida moderna, a obra devolve à cena o poder de ritualizar. A montagem confronta o espectador com sua própria mortalidade, mas o faz com delicadeza e beleza, convidando-o a dançar com a ausência, não a temê-la. É um espetáculo que propõe um olhar sobre o fim como parte do ciclo vital e artístico, afirmando que elaborar o luto é também reafirmar a vida.

No encontro entre corpo e silêncio, o teatro se torna novamente sagrado. “Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte” não fala apenas da perda individual de Bruna Longo, mas da humanidade que se redescobre no instante em que encara o inevitável e, ainda assim, escolhe continuar dançando.

Bob Sousa é fotógrafo, pesquisador e doutorando em Artes Cênicas no Instituto de Artes da Unesp (com orientação da Profª Drª Simone Carleto Fontes), onde também obteve o título de mestre em Artes. É jurado de Teatro da APCA – Associação Paulista de Críticos de Artes – e de Artes Visuais do Prêmio Arcanjo de Cultura. Autor do livro Retratos do teatro (Editora Unesp).

[← Retornar à Home](#)

terça-feira, 28 de outubro de 2025

QUEDA DE BALEIA ou UM CANTO PARA DANÇAR MINHA MORTE



Foto de Danilo Apoena

"Naquela mesa tá faltando ele

E a saudade dele tá doendo em mim"

(Sergio Bittencourt)

"Queda da baleia" (ou whale fall) é o termo usado para o fenômeno em que o corpo de uma baleia morta afunda e se torna um ecossistema complexo e sustentável no fundo do oceano, alimentando diversas espécies por décadas"

Com a morte do pai em 2022, Bruna Longo passou a enxergar a finitude de frente, a questionar como ela acontece materialmente e como se realizam os ritos fúnebres em diversas culturas e até entre os animais. Tudo isso para elaborar o luto.

Foi uma pesquisa profunda (como atesta a bibliografia constante do programa bastante informativo) e, segundo ela, bastante dolorosa chegando a afetar a sua saúde mental até o momento em que deu vazão a todo esse material por meio do teatro que é seu meio de expressão, resultando nesse denso e belo trabalho e que lhe trouxe a paz interior de volta.

Bruna Longo é dona de uma potente voz e tem no seu corpo poderosa ferramenta para expressar os mais diversos sentimentos e é visceral em certos momentos como aquele em que descreve em detalhes o processo de decomposição de um corpo morto. Interpretação corajosa que se inscreve entre as melhores deste ano pródigo em excelentes trabalhos.

Essa peça, um ritual fúnebre, é apresentada na capela do Cemitério Redentor para apenas vinte pessoas que compartilham com a atriz o velório de Bruna Longo, personagem que é sócia/xará da atriz Bruna Longo e que faleceu exatamente no dia da apresentação.

Belo jogo teatral capitaneado pela incrível Bruna na interpretação, na direção, na dramaturgia, na cenografia e nos figurinos, auxiliada na direção por Vítor Julian.

E é assim:

Assim como a carcaça das baleias, a herança cultural deixada por pensadores, intelectuais, amigos e familiares alimenta as almas dos que ainda estão por aqui por muito tempo.

Um espetáculo que emociona e faz pensar.



Saiu de cartaz no dia 27/10, mas deve voltar no início do ano. Fique alerta para não perder.

28/10/2025

Postado por José Cetra às 08:05



Marcadores: Queda de Baleia ou Um Canto para Dançar Minha Morte

Nenhum comentário:

Postar um comentário

Páginas

MATÉRIAS - TEATRO

MEMÓRIA DO TEATRO
PAULISTANO

NOTAS - TEATRO

CINEMA

MÚSICA

Quem sou eu



José Cetra

Mestre em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Membro da APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte). Espectador assíduo de teatro e cinema.

[Ver meu perfil completo](#)

Pesquisar este blog

Marcadores

- ÇA IRA (1)

... E O CÉO UNIU DOIS
CORAÇÕES (1)

'S WONDERFUL (1)

(IN)CONFESSÁVEIS 2 (1)

(IN)JUSTIÇA (1)

(Selvagens) Homem de Olhos
Tristes (1)

100 MEMÓRIAS (1)

1789 – THÉÂTRE DU SOLEIL
(1)

2021 – 4X4 – TRÁGICAS (1)

21 passos Para MdEa (1)

23 DE SETEMBRO – O DOM
DE SURPREENDER (1)

26 ANOS SEM TOM JOBIM (1)

27'S (VINTE SETES) (1)

2ª Feira Paulista Antropofágica
de Opinião (1)

31º PRÊMIO SHELL (1)

32º PRÊMIO SHELL (1)

33
VARIAÇÕES/CARTOLA/HOJE
É DIA DE
MARIA/ESPERANDO GODOT
(1)

3x1 TEBAS (1)

4004 A.C. – A ORIGEM (1)

4ª MITsp – BALANÇO (1)

4ª MITsp- ABERTURA (1)

57 Minutos – o tempo que dura
esta peça (1)

65º PRÊMIO APCA DE
TEATRO (1)

7º FEST KAOS 2022 (1)

A AFORISTA (1)

A arte alimentando a alma -
Julho 2014 (1)

A Arte da Comédia (1)

A ARTE DE ENCARAR O
MEDO (1)

A BANHEIRA (1)

A BOCA QUE TUDO COME
TEM FOME (DO CÁRCERE
ÀS RUAS) (1)

A BOTIJA (1)

Morte Sem Tabu

Reflexões sobre os múltiplos sentidos da morte e fim da vida



SEGUIR



OPINIÃO • TEATRO

Espetáculo no cemitério reflete sobre tabu da morte

- 'A Queda de Baleia' permanece em cartaz até 26 de outubro
- Peça surgiu a partir do luto da autora e atriz pela morte do pai

F DÊ UM CONTEÚDO



Jéssica Moreira

É sexta-feira à noite. As portas do Cemitério do Redentor, na zona oeste de São Paulo, estão abertas. As luzes acesas indicam um movimento diferente na capela ao fundo. Passo por um corredor de túmulos, mas não consigo ler as lápides. Uma mulher de vestido e salto alto aparece e convida a todos para entrar: "este é meu velório". Este é o velório de Bruna e o começo do espetáculo "A Queda de Baleia - ou Canto para Dançar com Minha Morte."



Uma peça dentro de um cemitério pode soar estranha ou até mórbida demais para muitos. Não para 20 pessoas que aceitaram o convite de entrar no velório de uma desconhecida. E, de maneira catártica, vincular seus lutos, medos e assombros aos dela.

O solo, escrito pela atriz, dramaturga e diretora Bruna Longo após a morte do pai em 2022, e co-dirigido pelo também ator e dramaturgo Vitor Julian, é um misto entre uma prosa que acolhe e uma viagem pelo mundo por meio da morte.



Espectáculo "A Queda de Baleia - ou canto para dançar com minha morte", em cartaz no Cemitério do Redentor - DANILO APOENA/DANILO APOENA

"Quando meu pai morreu, comecei a morrer". A atriz-autora, cuja personagem se mescla à própria história, revela que a imagem do pai enterrado, enclausurado, a amedrontou tanto, a ponto de pensar em desenterrá-lo. Com o medo saindo pelos poros, decidiu simbolizá-lo com arte.

"Dois dias depois da morte do meu pai, passei a usar o barro desse luto como material para meu trabalho. Meu templo é o teatro, minha liturgia é a pesquisa artística, minha reza é a dramaturgia. E esse é o germe deste espetáculo", conta a atriz.

Com uma bibliografia extensa, que envolve livros, músicas e até mesmo pesquisa dos processos químicos e biológicos sobre fim de vida, Bruna nos convida a falar de morte de modo orgânico e sem rodeios.

As pinceladas didáticas não tornam a condução maçante. Talvez, esteja aí a grande sacada da atriz e de sua equipe. É impossível falar do tabu da morte apenas por um prisma. Por isso, a pesquisa extensa se faz necessária.

Mas é a forma, sensível e cuidadosa, que prende o público do começo ao fim. Da trilha sonora à iluminação, todo o espetáculo nos ajuda a mergulhar na diversidade de ritos e significados da morte. A maturidade corporal da atriz ao representar os vários estágios de um corpo nos faz ter certeza: é um solo de muitas Brunas. Até os pés arrastando a areia na sala sepulcral comunicam, mesmo em silêncio.

Ao utilizar a imagem de uma maçã apodrecendo de dentro para fora, a atriz torna uma explanação química algo palpável e poética. Apodrecer de dentro para fora, como a fruta, também diz de como o corpo humano reage à morte. De como as bactérias que nos compõem entram em ação jorrando líquidos e outras substâncias que anunciam aos demais seres vivos que podem começar o trabalho de consumir a matéria.

A natureza nos mostra a toda hora processos de vida e morte, mas nem sempre estamos atentos para ver ou entender. Seja uma mãe-macaco carregando seu bebê morto por semanas e contando com a proteção das fêmeas do bando; seja uma elefanta percorrendo longas distâncias dias com seu bebê morto para enterrá-lo.

O instinto animal dá nome e corpo a este espetáculo ao escolher a baleia como símbolo. Quando uma baleia morre, diz a atriz, seu corpo é capaz de chegar a mil metros de profundidade —onde a luz não existe, nem mesmo os seres humanos podem chegar. A ossatura da baleia se torna a casa de novos seres vivos, perpetuando o ciclo vida-morte-vida.

Bruna nos convoca a ver a morte no cotidiano. Não para amenizar, mas para entender e comportar a dor: o susto e o assombro de encarar a morte de alguém que amamos. Ou, até mesmo, ter menos medo de nossa própria morte.

Sem ditar regras, traz uma cena bastante elucidativa. O sobrinho de seis anos pergunta o que aconteceu com o avô. A avó responde: "virou estrelinha". O menino reage dizendo que o avô morreu e devolve com a pergunta que ninguém quer ouvir: "O que acontece quando alguém morre?". A personagem nos lembra da angústia contida neste questionamento, não só infantil, mas em qualquer idade. Mais do que encontrar uma resposta, o mais importante é acolher e reconhecer: não sabemos o que vem depois do fim.

"Velório vem de velas. De velar. De proteger. De cuidar". A semântica do velar como ato final de cuidado atravessa os espectadores e chega aos meus ouvidos como nunca antes. "Só cuidamos de quem já cuidou da gente", a atriz continua. Viajo no tempo para recuperar as memórias dos meus velórios. Cuidei de tantos corpos que cuidaram de mim, avó, pai, tia, que esses velórios se tornaram um pouco meus também.

1 / 7 Escavação revela possível cemitério de mil anos em Lima



Antigamente, os velórios aconteciam em casa. As pessoas preparavam comidas e bebidas ao longo da noite ou até do dia. Hoje, relembra a personagem, a violência urbana já não permite despedidas longas, nem mesmo nos cemitérios.

Quando o pai da atriz morreu, entre o último suspiro e o enterro, ela contou 13 horas. "Temos pressa em guardar a morte", reflete e nos convida a pensar também: afinal, quem consegue se despedir e se desprender do ente amado em tão poucas horas?

"O processo de morte foi higienizado, burocratizado. O avanço da ciência e da medicina prolongou nossas vidas, mas também mudou a forma como morremos. Não se morre mais em casa, mas em hospitais – lugares onde busca-se vencer a morte, muitas vezes prolongando o inevitável. Ritos fúnebres são cada vez mais rápidos, padronizados e industrializados, com o boom de cremações comerciais", diz.

Com críticas à lógica do consumo que atinge a etapa final da vida e a pressa de se livrar do corpo morto e da dor do enlutado, somos convidados a olhar para a areia distribuída pelo espaço e tentar, junto a Bruna, um jeito de desenterrar seu pai.

O corpo, então, não é físico, nem palpável como os ossos. Mas é um corpo costurado por memórias, símbolos e rituais que ajudam a própria personagem a se acolher no próprio luto.

Assistimos a essa peça junto a todos os fantasmas. [Os que moram neste cemitério, os de Bruna, mas também os nossos próprios](#). A foto do túmulo de seu bisavô é apresentada a todos e continua sentada enquanto a peça se desenvolve —foi ele quem garantiu um jazigo para todos os descendentes. Um casaco pendurado do lado esquerdo do palco improvisado balançava sem parar, como se estivesse vivo. É do pai de Bruna. A cada mexida, eu o imaginava ali, assistindo orgulhoso cada passo da filha sobre a areia esparramada pelo chão da capela.

1 / 6 Celebração de Finados em cemitérios de SP



Lembrei que minha mãe doou todas as roupas [de meu pai quando ele morreu](#). Pedi para deixar uma camisa quadriculada e um paletó. Nesse paletó, sempre estava o pente de alinhar o bigode que eu, sem motivo, gostava de limpar com palito de dente. Depois que o pai morreu, não havia mais o que limpar. Não havia mais nenhuma matéria do pai. Guardei a agenda que ele atualizava. A letra dele, bem gorda e espalhafatosa, é o movimento de suas mãos materializado em papel. E disso não consigo abrir mão.

Bruna faz um giro pelo mundo contando como outras culturas e civilizações, além da ocidental, abraçam de maneiras diferentes a morte. A personagem viaja pelas tradições japonesas focada em não triturar alguns ossos. Remete à cultura indiana de que a alma sai do corpo quando o ser humano morre.

Ou, então, as tradições da Indonésia, onde há um tempo para que as famílias se preparem para se desfazer do corpo —psicologicamente, mas financeiramente, uma vez que é caro o processo de enterro. Muitas famílias chegam a permanecer com o corpo em casa e manter suas atividades cotidianas. Embora possa ser uma tradição que não faça sentido para muitos de nós, mas faz para uma parcela da população na Indonésia e precisa ser respeitada.



Seja você enlutado ou não, a peça é elucidativa. Convida a pensar como os rituais do luto inauguraram os valores sociais de nossa sociedade desde as cavernas. "Os rituais organizam os valores sociais. Os ritos fúnebres apontam significados e inauguram ficções que nos ajudam a dar conta da dor", diz a atriz em determinado momento.

Na minha última aula de dramaturgia, a professora Silvia Gomez nos lembrou que o teatro é sempre fantasmagórico. Ao evocar Antígona, por exemplo, Bruna está nos dizendo que o luto desta mulher, transmitido de geração a geração, ainda encontra eco no luto das mães chilenas que, até hoje, não conseguiram enterrar seus filhos vítimas da ditadura naquele país. Ou, então, as Mães de Maio no Brasil ou as demais mães negras e periféricas que seguem lutando não apenas por justiça, mas também por memória.

Assistimos com todos os fantasmas literários e musicais também. Encontramos Ivan Ilitch, o de Tolstói, mas também a mesa vazia e a saudade do pai de Sérgio Bittencourt, tão famosa nas vozes de Elizeth Cardoso e Nelson Gonçalves. As fitas amarelas de Noel Rosa. Ou a honesta e profunda conversa de Gilberto Gil com a própria morte.

O espetáculo, por fim, nos lembra que a morte é injusta. "Nosso saber sobre a morte é apartado", diz a atriz. Nós nunca iremos falar dela com propriedade. Afinal, quando morrermos, e sabermos exatamente o que ela é, não estaremos mais aqui. "A morte só se conhece morrendo".

Mas adverte: "A morte inspirou os primeiros ritos humanos, os primeiros hieróglifos, as primeiras histórias contadas em volta da fogueira. O nascimento da filosofia, da religião, da arte. [Elaborar o luto](#) inaugura quem somos, e, ao renunciarmos a isso, renunciamos a uma angústia metafísica essencial. Não falar da morte não a afasta, apenas a torna mais temerosa."



LINK PRESENTE: Gostou deste texto? Assinante pode liberar sete acessos gratuitos de qualquer link por dia. Basta clicar no F azul abaixo.

F DÊ UM CONTEÚDO



sua assinatura vale muito

Mais de 180 reportagens e análises publicadas a cada dia. Um time com mais de 200 colunistas e blogueiros. Um jornalismo profissional que fiscaliza o poder público, veicula notícias proveitosas e inspiradoras, faz contraponto à intolerância das redes sociais e traça uma linha clara entre verdade e mentira. Quanto custa ajudar a produzir esse conteúdo?

ASSINE POR R\$ 1,90 NO 1º MÊS

[LEIA OUTROS ARTIGOS DESTA COLUNA](#)

[ENVIE SUA NOTÍCIA](#)

[ERRAMOS?](#)



Espectáculo no cemitério
reflete sobre tabu da morte



Bruna faz um giro pelo mundo contando como culturas e civilizações abraçam de maneiras diferentes a morte. Da trilha sonora à iluminação, todo o espetáculo nos ajuda a mergulhar na diversidade de ritos. A atriz nos convoca a ver a morte no cotidiano. Não para amenizar, mas para entender e comportar a dor: o susto e o assombro de encarar a morte de alguém que amamos. Ou, até mesmo, ter menos medo de nossa própria morte.

Jéssica Moreira



morteseintabu_ and 4 others



morteseintabu_ MORTE SEM TABU | Espetáculo no cemitério reflete sobre tabu da morte

"As portas do Cemitério do Redentor, na zona oeste de São Paulo, estão abertas. As luzes acesas indicam um movimento diferente na capela ao fundo. Passo por um corredor de túmulos, mas não consigo ler as lápides. Uma mulher de vestido e salto alto aparece e convida a todos para entrar: "este é meu velório". Este é o velório de Bruna e o começo do espetáculo "A Queda de Baleia - ou canto para dançar com minha morte"

Solo de @brunaflongo, com codireção de @vitorjulian_, propõe reflexão sobre finitude. Temporada acontece no Cemitério do Redentor até o próximo dia 26 de outubro.

Leia mais na #Folha: folha.com/morteseintabu

@daniloapoen
@ajessicamoreira

#ParaTodosVerem: Bruna Longo encenando a peça "Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte"

Edited - 2d



sonatanada A morte é o sentido da vida! Vou esse fds!

1d 2 likes Reply



Liked by vitorjulian_ and 1,171 others

2 days ago



Add a comment...

Post



morteseintabu_ and 4 others



morteseintabu_ MORTE SEM TABU | Espetáculo no cemitério reflete sobre tabu da morte

"As portas do Cemitério do Redentor, na zona oeste de São Paulo, estão abertas. As luzes acesas indicam um movimento diferente na capela ao fundo. Passo por um corredor de túmulos, mas não consigo ler as lápides. Uma mulher de vestido e salto alto aparece e convida a todos para entrar: "este é meu velório". Este é o velório de Bruna e o começo do espetáculo "A Queda de Baleia - ou canto para dançar com minha morte"

Solo de @brunaflongo, com codireção de @vitorjulian_, propõe reflexão sobre finitude. Temporada acontece no Cemitério do Redentor até o próximo dia 26 de outubro.

Leia mais na #Folha: folha.com/morteseintabu

@daniloapoen
@ajessicamoreira

#ParaTodosVerem: Bruna Longo encenando a peça "Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte"

Edited - 2d



sonatanada A morte é o sentido da vida! Vou esse fds!

1d 2 likes Reply



Liked by vitorjulian_ and 1,171 others

2 days ago



Add a comment...

Post



"O processo de morte foi higienizado, burocratizado. O avanço da ciência e da medicina prolongou nossas vidas, mas também mudou a forma como morremos. Não se morre mais em casa, mas em hospitais – lugares onde busca-se vencer a morte, muitas vezes prolongando o inevitável. Ritos fúnebres são cada vez mais rápidos, padronizados e industrializados, com o boom de cremações comerciais".

Bruna Longo



"A morte inspirou os primeiros ritos humanos, os primeiros hieróglifos, as primeiras histórias contadas em volta da fogueira. O nascimento da filosofia, da religião, da arte. Elaborar o luto inaugura quem somos, e, ao renunciarmos a isso, renunciamos a uma angústia metafísica essencial. Não falar da morte não a afasta, apenas a torna mais temerosa."

Bruna Longo



morteseintabu_ and 4 others

...



morteseintabu_ MORTE SEM TABU | Espetáculo no cemitério reflete sobre tabu da morte

"As portas do Cemitério do Redentor, na zona oeste de São Paulo, estão abertas. As luzes acesas indicam um movimento diferente na capela ao fundo. Passo por um corredor de túmulos, mas não consigo ler as lápides. Uma mulher de vestido e salto alto aparece e convida a todos para entrar: "este é meu velório". Este é o velório de Bruna e o começo do espetáculo "A Queda de Baleia - ou canto para dançar com minha morte"

Solo de @brunaflongo, com codireção de @vitorjulian_, propõe reflexão sobre finitude. Temporada acontece no Cemitério do Redentor até o próximo dia 26 de outubro.

Leia mais na #Folha: folha.com/morteseintabu

@daniloapena

@ajessicamoreira

#ParaTodosVerem: Bruna Longo encenando a peça "Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte"

Edited - 2d



sonatanada A morte é o sentido da vida! Vou esse fds!



1d 2 likes Reply



Liked by vitorjulian_ and 1,171 others

2 days ago



Add a comment...

Post



morteseintabu_ and 4 others

...



morteseintabu_ MORTE SEM TABU | Espetáculo no cemitério reflete sobre tabu da morte

"As portas do Cemitério do Redentor, na zona oeste de São Paulo, estão abertas. As luzes acesas indicam um movimento diferente na capela ao fundo. Passo por um corredor de túmulos, mas não consigo ler as lápides. Uma mulher de vestido e salto alto aparece e convida a todos para entrar: "este é meu velório". Este é o velório de Bruna e o começo do espetáculo "A Queda de Baleia - ou canto para dançar com minha morte"

Solo de @brunaflongo, com codireção de @vitorjulian_, propõe reflexão sobre finitude. Temporada acontece no Cemitério do Redentor até o próximo dia 26 de outubro.

Leia mais na #Folha: folha.com/morteseintabu

@daniloapena

@ajessicamoreira

#ParaTodosVerem: Bruna Longo encenando a peça "Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte"

Edited - 2d



sonatanada A morte é o sentido da vida! Vou esse fds!



1d 2 likes Reply



Liked by vitorjulian_ and 1,171 others

2 days ago



Add a comment...

Post

REDE GLOBO São Paulo – 04/10/2015





O teatro mais disruptivo de São Paulo acontece dentro de um cemitério — teria coragem?

Intimista e disruptiva, a obra de Bruna Longo transforma a dor do luto em poesia e provoca reflexões profundas sobre a morte em meio à arte. ➡

 ESTHER MIRANDA - REDATORA · SETEMBRO 19, 2025

COMPARTILHE O ARTIGO



Foto: Divulgação/Danilo Apoená

Já pensou em assistir a **uma peça que reflete sobre a morte de dentro de um cemitério**? Essa é a proposta da disruptiva **Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte**, um solo de [Bruna Longo](#), com codireção de [Vitor Julian](#), que incentiva o pensamento sobre **um tema que ainda é tabu na sociedade ocidental**.

O monólogo surge após a atriz, **dramaturga e diretora** que estrela a peça perder o pai em 2022. No **processo de luto**, ela observou a **frígida burocracia em torno dos processos mortuários**, que são cada vez mais rápidos, impossibilitando aqueles que ficaram de realizarem **ritos de passagem para elaborar a dor e a delicadeza do momento**.

- ✳ [60 coisas para fazer em São Paulo pelo menos uma vez na vida](#)
- ✳ [Dia das Crianças em SP: guia de passeios para os pequenos se divertirem](#)



Foto: Divulgação/Danilo Apoená

O que esperar de Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte?

Nesta [peça](#) solo, a atriz imagina a **própria morte**, provocando uma reflexão sobre **o tabu do fim da vida no cotidiano**. Junto a [Bruna Longo](#), enquanto ela elabora **o luto de si mesma**, o espectador irá contemplar tópicos como **a relação humana com a finitude, o processo de**

“ A morte é, para nós ocidentais, talvez o último intransponível tabu. Não falamos sobre ela. Não sabemos lidar com ela. No entanto, ela é também a única certeza inexorável. [...] O processo de morte foi higienizado, burocratizado. O avanço da ciência e da medicina prolongou nossas vidas, mas também mudou a forma como morremos. [...] Ritos fúnebres são cada vez mais rápidos, padronizados e industrializados. – Comenta a artista.



Foto: Divulgação/Danilo Apoena

Não deixe de conferir esta peça disruptiva!

Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte é apresentada na [capela do Cemitério do Redentor](#), localizado na [Avenida Doutor Arnaldo, 1105 – Sumaré](#), até o dia **26 de outubro**, com apresentações de **sexta a domingo, sempre às 19h**.

O ingresso custa **R\$ 60**, ou **R\$ 30 no caso de meia-entrada**. A capela comporta um público de **20 pessoas**, o que torna a experiência ainda mais intimista. Além disso, a duração é de **80 minutos**.



Foto: Divulgação/Danilo Apoena

[+ Cemitérios mais antigos de SP são verdadeiros museus a céu aberto](#)

COMPARTILHE O ARTIGO



Tags: [drama](#)

CULTURA O QUE FAZER

Fique por dentro

Nossos segredos mais preciosos, direto na sua caixa de entrada

E-mail

Assinar

Ao inserir seu e-mail, você aceita a nossa [Termos e Condições](#)

ÚLTIMAS PUBLICAÇÕES

- Música clássica em São Paulo? Confere esse guia com orquestras, locais e eventos que agitam a capital

SETEMBRO 19, 2025
- Oktoberfest de São Paulo: chope gelado, delícias alemãs e shows na maior festa germânica do Sudeste

SETEMBRO 19, 2025
- Ainda dá tempo: passeios imperdíveis para conferir no mês de setembro em São Paulo!

SETEMBRO 19, 2025



'Carta à Rainha Louca' estreia no Sesc Bom Retiro. Foto: Daisy Sereno/Divulgação

- O espetáculo é uma adaptação do livro homônimo de Maria Valéria Rezende, vencedor do Prêmio Oceanos em 2020. Em cena, 17 vozes do Núcleo Toada ampliam as questões do livro, baseado em uma carta real de Isabel das Santas Virgens a Maria I, conhecida como Rainha Louca de Portugal. A direção é de Patrícia Gifford. **Quando:** De 12/9 a 12/10. Sextas e sábados, 20h; domingos, 18h. **Onde:** Sesc Bom Retiro - Alameda Nothmann, 185, Campos Elíseos. **Quanto:** R\$ 60.

Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte



'Queda de Baleia' é encenada no Cemitério do Redentor. Foto: Danilo Azeiteiro/Divulgação

- Bruna Longo se inspirou na perda recente do pai para falar sobre o tabu da morte. No solo, a atriz imagina a própria morte e procura elaborar o luto de si mesma. Ela também é responsável pela direção do espetáculo ao lado de Vitor Julian. *Queda de Baleia* é encenada no Cemitério do Redentor, no Sumaré. **Quando:** De 12/9 a 26/10. Sextas a domingos, 19h. **Onde:** Capela do Cemitério do Redentor - Av. Dr. Arnaldo, 1105, Sumaré. **Quanto:** R\$ 60.

Mon Cœur - Piaf e Brel

